

APRESENTAÇÃO

O primeiro fascículo de *Debates do NER* em 2020 traz consigo algumas novidades editoriais. Desde 2007, todos os números da revista foram disponibilizados em seu portal virtual e, a partir de 2016, as publicações deixaram de ser impressas. Em 2020, acompanhando as transformações que têm dinamizado o processo editorial de periódicos nacionais e internacionais, passamos a adotar o modelo de publicação “ahead of print”. Nesse modelo, uma vez que os textos submetidos são aprovados, eles já são encaminhados para a revisão de formatação e, em sequência, publicados no portal da revista. Dessa forma, ao longo dos meses que antecedem a publicação da íntegra de cada volume, os textos que o compõem são disponibilizados para acesso e leitura. Já procedemos desse modo com os artigos deste fascículo e assim continuaremos a fazer nas próximas edições.

Também na tentativa de amplificar a capacidade da revista de propor debates pertinentes ao campo das ciências sociais da religião na América Latina, anunciamos que a partir de 2021 contaremos sempre com um editor internacional, que atuará conjuntamente com Eduardo Dullo e Rodrigo Toniol. Essa função será atribuída a editores convidados, que permanecerão na função por um período de três anos e nesse tempo organizarão fascículos e participarão da vida cotidiana do periódico. Com muito entusiasmo, anunciamos que a primeira editora convidada de *Debates do NER* (2021-2023) será a antropóloga Stefania Capone. Capone é mestra em Antropologia Social pelo Museu Nacional (UFRJ, 1991) e doutora em Etnologia pela Universidade de Paris X-Nanterre (França, 1997). Atualmente é Diretora de Pesquisa no CNRS (Centro Nacional de Pesquisas Científicas da França) e ensina a antropologia das religiões afro-americanas na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), em Paris. Suas pesquisas sobre candomblé, santeria e culto de Ifá são referências incontornáveis na área. Além do anúncio e das boas-vindas a Stefania Capone, também comunicamos que Birgit Meyer foi integrada à comissão editorial do periódico.

A publicação deste número também marca a despedida de nosso estimado colega Airton Jungblut. Airton foi um dos fundadores do Núcleo de Estudos da Religião, em meados da década de 1990, e faleceu no fim de junho de 2020. Sob orientação de Ari Pedro Oro, no PPGAS/UFRGS, Airton defendeu sua dissertação de mestrado *Entre o evangelho e o futebol: um estudo sobre a identidade religiosa de um grupo de Atletas de Cristo em Porto Alegre*, em 1994, e sua pioneira tese de doutorado, intitulada *Nos chats do Senhor: um estudo antropológico sobre a presença evangélica no ciberespaço brasileiro*, em 2000. Para celebrar a obra de Airton, publicamos neste fascículo um texto inédito de sua autoria, aquele que possivelmente é o último artigo que escreveu. “Espiritualidade e saúde: ensaio sobre novas articulações entre religião e ciência” é o título desse texto, que explora o tema das terapias alternativas e de contextos em saúde para refletir sobre os usos e os limites de noções como religião e espiritualidade.

Este fascículo começa com um debate sobre o texto do antropólogo francês Sébastien Fath, “Das margens ao *mainstream*: desafios sociais da ascensão evangélica – uma comparação transamericana”. Nesse artigo, Fath tematiza a recomposição da paisagem religiosa brasileira atentando especificamente para o fenômeno do crescimento dos evangélicos. Embora a constatação seja uma trivialidade, o texto de Fath inova ao colocar o caso brasileiro em um jogo de comparação e distanciamento com o caso do protestantismo nos Estados Unidos. Propõe, assim, o seguinte conjunto de questões: como as transformações ligadas aos evangélicos que marcaram o *Bible Belt* estadunidense nos anos 1800-1850 podem ajudar a compreender as recomposições evangélicas brasileiras dos anos 1960-2010? Que lições podemos tirar dessa comparação? O tipo ideal do evangélico conservador seria fortalecido a partir dessa comparação histórica e geográfica ou, pelo contrário, nuançado? Reagem ao texto de Sébastien Fath os seguintes autores: Jean-Paul Willaime, Marcelo Camurça e Ari Pedro Oro.

Na seção Artigos, o primeiro texto, “A cosmopolítica dos orixás: encruzilhadas entre humanos, divindades e natureza” é de autoria de Hieda Maria Pagliosa Corona e Jean Filipe Favaro. Na análise de Corona e Favaro, o

centro da atenção é a encruzilhada, que ocupa um lugar central tanto como espacialidade quanto como princípio ontológico das religiões de matriz africana. Tomando a encruzilhada como ponto de partida analítico, os autores debatem sobre política e relações entre natureza, divindade e humanos. Também é da ontologia que o texto de autoria de Otávio Velho se ocupa. Nesse caso, no entanto, a reflexão parte de um estreito diálogo entre a filosofia e a antropologia. Em “O social e o além do social: alguns fios de uma questão ontológica e ética”, Velho parte da conhecida expressão “para além do bem e do mal”, de Friedrich Nietzsche, e propõe a ideia de “além do social”, pondo esse autor em diálogo com o filósofo Espinosa. Essa noção é desenvolvida mostrando como pode ser associada à crítica que Nietzsche faz à sociologia do seu tempo, presa a um “instinto de rebanho”. O domínio do “social”, no entanto, é também reconhecido e busca-se estabelecer a etnografia como possível conexão à disposição dos cientistas sociais entre esses e outros domínios, com o auxílio do binômio servidão-libertação e da ideia de expressão tal como proposta por Gilles Deleuze em contraste com a de representação.

No terceiro artigo do fascículo, “Promovendo a ‘cultura do reino’: notas sobre música, religião e cultura a partir de uma juventude evangélica no sul do Brasil”, Taylor Pedroso de Aguiar analisa os cultos da igreja Brasa Church. Aguiar explora de forma detida o *worship*, a tendência musical adotada por aquela comunidade, e faz dessa análise um caminho para refletir sobre os sentidos da ideia de cultura para o grupo evangélico. Na sequência, o antropólogo mexicano Alejandro Rodríguez López, em “Dispositivos conventuales y resocialización religiosa: etnografía del arte de hacerse fraile”, apresenta uma análise do cotidiano de um convento franciscano em Chiapas, México. Seu foco é no aprendizado e nas formas de socialização que “fazem” um franciscano, explorando os primeiros anos de formação dos religiosos.

O quinto artigo da seção é o texto já mencionado de Airton Jungblut, seguido da contribuição de Cristina Pompa. Em “Antropologia, história e religião: a obra de Raffaele Pettazzoni”, Pompa recupera a obra de Pettazzoni e explora sua contribuição destacando, além de aspectos teóricos chaves,

aquilo que ela pode fazer para estreitar as formas de diálogo entre a antropologia da religião e os aportes dados pela história sobre o tema.

Por fim, terminamos a edição com o ensaio fotográfico de Dandara Dorneles, que nos leva em um percurso que vai da preparação de barcos de papel, adereços, flores e comidas no Centro Africano Ogum e Iansã até o momento da oferta desses materiais no litoral gaúcho. É uma das fotos desse ensaio que ilustra a capa deste fascículo. Boa leitura.

Rodrigo Toniol

DEBATE